



ANAIS DO XXXII COLÓQUIO CBHA 2012

DIREÇÕES E SENTIDOS DA HISTÓRIA DA ARTE

Organização

Ana Maria Tavares Cavalcanti

Emerson Dionisio Gomes de Oliveira

Maria de Fátima Morethy Couto

Marize Malta

Universidade de Brasília

Outubro 2012



A reordenação do espaço da Igreja de N. Sra. da Saúde e Glória em Salvador, no século XIX

Luiz Alberto Ribeiro Freire

Pesquisador CNPQ 2 - CBHA - ANPAP - EBA/UFBA

Resumo: O espaço sagrado das igrejas católicas foram configurados a partir do Concílio de Trento e do advento do Barroco. As igrejas católicas do Brasil espelharam esse conceito. No século XIX Salvador da Bahia experimentou uma torrente de reformas ornamentais que permutaram o conceito barroco de ordenar o espaço pelo conceito neoclassicizante, condizente com uma religiosidade renovada pelo iluminismo, romanização da igreja, sanitarismo e imposição de uma nova estética. A igreja do Santíssimo Sacramento e N. Srta. da Saúde e Glória passou por essa reforma que analisamos a seguir com a particularidade de podermos comparar o decor que foi substituído com o decor da nova ambientação, graças ao detalhamento do contrato de pintura e douramento realizada na talha do século XVIII.

Palavras-chave: Ornamentação. Reforma. Igrejas. Bahia. Século XIX

Abstract: The design of sacred space in Roman Catholic churches was initially determined by the Council of Trent and the advent of the Baroque.

Brazil's Catholic churches reflected this concept. In the nineteenth century, Salvador, Bahia, experienced a spate of redecoration projects in which the Baroque concept of organizing space was permeated with the concept of "Neo-Classicizing," as befitted a religious spirit renewed by the Enlightenment, the Romanization of the church, social medicine, and the imposition of a new aesthetic. The Church of Santíssimo Sacramento and N. Sra. da Saúde e Glória was refurbished in the style I will analyze below. However, it stands out because we can compare the decor that was replaced with that of the new ambience thanks to the detailed contract for the painting and gilding work done on the church's eighteenth-century woodcarvings.

Keywords: Decoration. Redecorating. Churches. Bahia. Nineteenth Century

Dentre as igrejas que reformara a talha no século XIX a Igreja de N. Sra. da Saúde e Glória destaca-se por ser uma das primeiras a empreendê-la, pela que menos durou a talha do século XVIII, apenas 45 anos, por nos legar um documento que nos dá idéia da policromia da antiga talha e nos permite comparar com a da talha que sucedeu preservada até os nossos dias.

O Escrivão da Irmandade, Prudêncio José da Cunha Vale, propôs em 1814 "fazer-se de novo toda a obra de talha da mesma Capela[...] por se achar tudo carcomido

e podre incapaz de sofrer mais demoras”.¹ A antiga talha dessa igreja foi realizada em 1769, entre essa data e a do princípio da reforma contamos quarenta e cinco anos, tempo pequeno, o menor que conhecemos, se comparado ao de permanência de outros conjuntos entalhados das igrejas baianas que permaneceram por 61, 67, 68, 76, 86, 88, 97 e até 161 anos. Outras motivações de carácter religioso, estético e mentais podem explicar a reforma ornamental na Bahia, especialmente desse templo.

A primeira pedra dessa igreja baiana localizada no bairro da Saúde, em Salvador foi colocada em 2 de fevereiro de 1723, conforme informações contidas no Cap. I do compromisso da Irmandade:

A Igreja da Saúde e Glória foi feita pelo Tenente Coronel Manoel Ramos Parente, cidadão e cavalheiro professo da Ordem de Christo e familiar do Santo Ofício, a conta de sua fazenda e de sua mulher D. Bárbara de Almeida dos Reis nos terrenos de seus próprios bens que possuíam, onde chamam o Alvo, e botou a primeira pedra de prata lavrada o Exmo. Sr. Vasco Fernandes Cesar de Menezes, Vice-Rei deste Estado do Brasil, em 2 de fevereiro de 1723. No tempo de um ano completo estava feita a capela-mor, a sacristia, a Casa das tribunas, e levou a Imagem de Nossa Senhora em procissão solene pelas ruas da Cidade até colocar no trono, ... Depois foi continuando com as obras até que a deixou acabada de todas as paredes, que depois d'ele morto, sua mulher a cobriu e acabou...²

A morte de Manoel Parente deu-se em 1726, por esse tempo é provavel que o retábulo-mor já estivesse pronto, pois em 1724 a imagem foi entronizada. Mais adiante, em

¹ OTT, Carlos. *Evolução das artes plásticas nas igrejas do Bonfim, Boqueirão e Saúde*. Salvador: Universidade Federal da Bahia/Centro de Estudos Baianos, 1976. 393 p. il. p. 363.

² OTT, Carlos. *Evolução das artes plásticas nas Igrejas do Bonfim, Boqueirão e Saúde*. Salvador, 1979. p. 332-333. Francisco Salgueiro também transcreveu este Capítulo I do Compromisso na sua “Notfícia das Igrejas da capital da Bahia”.

sessão de 24 de abril de 1769, o Juiz propôs que “por se achar o retábulo da Capella mor arruinado e se carecer retificar de novo o que fosse necessário, [...] se ajustou com o Mestre Antônio Rodrigues Mendes a dita obra [...]”.³

Da policromia e douramento dessa obra temos registro importante que nos dão idéia do padrão ornamental ai existente antes da reforma oitocentista, trata-se do Termo de resolução e determinação que mandou fazer o Desembargador Provedor dos Resíduos, Antônio Gomes Ribeiro; e de convenção e consentimento da Mesa a respeito da obra de pintura e douramento do retábulo e mais coisas pertencentes à Igreja de Nossa Senhora da Saúde, nele vem discriminado que:

O retábulo da capela mor todo de ouro, tantos altos como baixos. O trono da mesma forma com mais pintura alegre na melhor forma que puder ser, e nele filetes das guarnições dourados, e havendo, daria os altos de ouro e os fundos de cor. O nicho da Senhora por dentro fingido de seda de tela de bom estufado. As figuras todas encarnadas e estufadas com bom tafetá. As cornijas da capela-mor e guarnição das tribunas, o que for de talha, tudo de ouro, e os fundos de branco, e as portas das ditas tribunas e portas travessas todas atartarugadas com seus filetes de prata e seus paineis nas almofadas. Os lances fingidos de pedra azul envernizados o forro de perspectiva com a pose de Assunção da Senhora. As grades das tribunas e talha de ouro, os fundos de branco. No corpo da igreja e forro grande de perspectiva com a pose da Coroação de Senhora pela Santissima Trindade com cornija azul de cores alegres que sejam bem finas e que façam filetes ou..... O arco cruzeiro a imitação da igreja.....ri Dam (as)o e os dois anjos encarnados e estufados. Os dois paineis nos lados as poses que se determinaram o melhor parecessem. As grades das tribunas, coro e púlpitos com seus remates e tudo o que for talha, ouro e os fundos em branco. Por baixo do coro perspectiva com sua glória a de anjos dela o Santissimo Nome de Maria, e todos os filetes de ouro. A sacristia também de perspectiva com pose que se lhe já determinou o também com filetes de ouro, tudo pintado a óleo com boas tintas frescas duráveis...⁴

³ OTT, Carlos. *op. cit.*, 1979. p. 335-336.

⁴ *Idem, ibidem*, p. 339-340.

Foi contratado para esta obra o pintor e dourador *Domingos da Costa Filgueira*, na data da lavratura do termo, 28 de Agosto de 1769, e concluída antes de um ano, com termo de recebimento e aprovação datado de 15 de Agosto de 1770.⁵

Em 1783, aos 4 dias do mês de Maio, a Mesa contratou o mestre entalhador *Manoel Bernardo de Santa Ana* para fazer dezoito sobreportas (sanefas) segundo o modelo que lhe foi entregue.⁶ Concluído o trabalho no tempo do contrato que estipulava o prazo de sete meses, “athe o Natal do corrente ano sem falta”,⁷ contrataram em 15 de Fevereiro de 1784 o mestre *Manoel do Carmo Pinheiro* para dourar as sobreportas, com a entrega e colocação até o mês de Maio do mesmo ano.⁸

As últimas informações acerca da talha do século dezoito, as temos através do Termo de Resolução tomado pela Mesa em 14 de Fevereiro de 1791, quando propôs o Procurador que se precisava “muito fazer uma imagem da Senhora nossa em vulto com seu nicho pela indecencia da vestimenta da Santa e incapacidade de nixo”,⁹ para o que se contratou o mestre escultor *Felix Pereira Guimarães* e um novo nicho substituiu no altar-mor o antigo.

As alterações, ou pelo menos, as intenções de modificar o interior deste templo, começaram antes do século dezenove. Os silhares de azulejos da nave e da capela-mor figurando os passos da vida de Maria são

⁵ *Idem*, p. 342-343.

⁶ *Idem*, 1979. p. 346-347.

⁷ *Idem*, p. 350-351.

⁸ *Idem*, p. 350-351.

⁹ *Idem*, p. 357.

apontados por Ott como adquiridos em Portugal por volta de 1786.¹⁰ Neste mesmo ano, em 29 de Janeiro o Tesoureiro propôs que a Mesa encomendasse em Lisboa “as pedras para o Arco cruzeiro the o Comungatório, e para o ladrilho de assento da Capella mor [...] segundo o risco da Matriz do Pillar.”¹¹ Como o orçamento desta encomenda desagradara à Mesa, decidiram em reunião do dia 16 de Dezembro de 1786 “mandar fazer novo risco [...] por ser muito mais em comodo”¹² Não temos notícia documental do desfecho desta encomenda, entretanto registou-se um escândalo na Mesa da Irmandade que terminou com a expulsão do Tesoureiro, José Caetano Rabelo de Mesquita,¹³ o mesmo que propôs

¹⁰ *Idem*, p. 320.

¹¹ “foi proposto por nosso Irmão Thesoureiro actual Joze Caetano Rabello de Mesquita que para perfeito complemento das sepulturas da dita nossa Capella, era preciso continuar do arco cruzeiro the o comungatório, e ainda para o assento da Capella mor; parecendo lhe justo, e conveniente mandasse vir de Lixboa na moção presente,... assentarão todos que se mandasse de presente vir as ditas pedras para mayor assejo e perfeição da dita Capela, tomando a sy o nosso Irmão Juiz actual as mandar vir de Lixboa segundo o risco da Matriz do Pillar; ficando a Irmandade obrigada a satisfazer sem demora, ou duvida alguma a conta, que se apresentar da sua importância, e chegada que seja a esta Cidade por conta e risco da Irmandade, para cuja satisfação obrigavão os bens, e redditos da dita Irmandade” (OTT, Carlos. *Evolução das artes plásticas nas Igrejas do Bonfim, Boqueirão e Saúde*, 1979, p. 351-352.).

¹² “nos foi proposto pelos nossos Irmãos Procuradores que na Meza passada, aos vinte e nove dias do mês de Janeiro de 1786 se formara resolução para se mandar vir de Lixboa pedras, segundo o risco da Matriz do Pilar para o arco cruzeiro athe o comungatório e assento da Capela mor, o que na verdade se executou, mandando-se vir as ditas pedras segundo o dito risco, e como de presente viera resposta de Procurador de Lixboa em como não vinham as ditas pedras, por não as quererem dar por menos de oitocentos e tantos mil reis: o que visto e racionalmente ponderado por nós todos presentes, e que era onerar a Irmandade, carecendo ela de outras muitas couzas mais precisas, nos foi preciso mandar fazer novo risco para pedras de sepulturas desde o arco cruzeiro athe o comungatório e pedras de adros para o assento da capela mor, por ser muito mais em comodo, e termos sepulturas separadas para algum nosso Irmão Juiz, que se queria sepultar nesta Capela, e vendo o risco, e achando todos estar muito conforme a razão, uniformemente mandamos, e ordenamos ao nosso Irmão Thezoureiro actual Joze Caetano Rabelo de Mesquita por sy, ou por outrem mandase o dito risco para vir de Lixboa as ditas pedras, para o que mandasse do dinheiro que tivesse da Irmandade té trezentos mil reis para virem com mais brevidade a conta o risco da dita Irmandade” (OTT, Carlos. *Evolução das artes plásticas nas Igrejas do Bonfim, Boqueirão e Saúde*, 1979, p. 352-353.)

¹³ José Caetano Rabelo de Mesquita era *natural de Lisboa, mestre carpinteiro e chefe de uma Empresa de Construção das mais ativas, na segunda metade do século XVIII.*

a compra das pedras, sob a justificativa de que “havia muito tempo a esta parte pertubava o sossego desta Irmandade e Meza”.¹⁴

A segunda menção à troca do piso é feita no Termo de Resolução da Mesa datado de 1º de Abril de 1826, em que o Juiz dá conta de estar o arco cruzeiro da capela-mor ladrilhado de mármore, e imperfeito o piso do presbitério formado de tosca cantaria e tijolo. Propôs, então, doar pedras finas cinzentas à imitação de mármore para o ladrilho do presbitério.¹⁵ Ao que tudo indica, a reforma do piso ainda não se completou nesse tempo, pois entre 1844 e 1845 a irmandade pagou a *Giuseppe Carreira* por 324 pedras mármore para completar o ladrilho da igreja e de 170 pedras grandes de lousa preta doadas por Carlos da Silva Lopes e seu filho João da Silva Lopes para ladrilhar o restante do corredor. No mesmo período a Mesa pagou a José Joaquim de Almeida por 500 pedras mármore para o ladrilho da sacristia e parte da igreja.¹⁶

Em 11 de Fevereiro de 1844, o Juiz da irmandade ordenou ao tesoureiro, “que a custa dos rendimentos da Irmandade e de esmolas, faça ladrilhar a sacristia, Igreja e

(OTT, Carlos. *Evolução das artes plásticas nas Igrejas do Bonfim, Boqueirão e Saúde*, 1979. p. 288.)

¹⁴ OTT, Carlos. *Evolução das artes plásticas nas Igrejas do Bonfim, Boqueirão e Saúde*, 1979. p. 353.

¹⁵ “que visto achar-se o Arco Cruzeiro da Capela mor ladrilho com lagedo de mármore, e ficava imperfeito o ladrilho do Presbitério feito de uma tosca pedra de cantaria, e tijolo quadrado, que parecia justo se fizesse o dito ladrilho de uma pedra fina cinzenta a imitação de mármore, cuja pedra ele Juiz a oferecia de esmola a Nossa Senhora, e que com efeito assim se efetuou, e aceitaram a dita oferta, dando-se logo princípio ao dito lagedo, até ficar na sua ultima perfeição” (OTT, Carlos. *Evolução das artes plásticas nas Igrejas do Bonfim, Boqueirão e Saúde*, 1979. p. 366.)

¹⁶ OTT, Carlos. *Evolução das artes plásticas nas Igrejas do Bonfim, Boqueirão e Saúde*, 1979. p. 371.

corredor da parte da rua direita de pedras mármore”.¹⁷ Em 13 de março de 1853 a mesa constatou que “se acha ainda por ladrilhar no corpo da Igreja algumas sepulturas que serviam para enterrar os mortos e que muito convinha serem elles cobertas, ou ladrilhadas”.¹⁸ Em 1857 ainda foi pago ao pedreiro Placido Moreira Dantas, por pedras mármore para o ladrilho que fez.¹⁹

Contudo, as alterações no piso do presbitério continuaram, pois entre 1887 e 1889 a irmandade pagou a “Giobatto Denegri por degraus de pedra mármore para o novo presbitério da Capela mor, a Manoel Francisco Gonçalves por uma pedra mármore para as obras do presbitério” e novamente ao primeiro, por “soleiras de mármore para as seis portas laterais do interior da Capela”,²⁰ assentadas no mesmo período.

Não se menciona claramente a permuta das balaustradas, que deviam ser de madeira; entretanto, entre 1827 e 1828 a irmandade pagou ao ferreiro *Antônio José de Santa Rita* pela grade que fez²¹ e, no mesmo período, o mesmo ferreiro foi pago pelo conserto que fez na grade do comungatório.²² Entre 1874 e 1875, a irmandade pagou ao “canteiro Euzébio Manoel da Boa Morte pelos furos para colocar-se as grades da Capela mor”.²³

As grades que formam o baptistério foram feitas entre 1887 e 1889 quando a irmandade pagou a “Azevedo Irmãos

¹⁷ *Idem. ibidem.* p. 372.

¹⁸ *Idem,* 1979. p. 374.

¹⁹ *Idem,* p. 375.

²⁰ *Idem,* p. 382.

²¹ *Idem,* p. 368.

²² *Idem,* p. 368.

²³ *Idem,* p. 377.

e Leite por quatro colunas, grades e portas de ferro para o cômodo a servir de Baptistério e [...] aos mesmos por duas escadas de ferro para os dois púlpitos dos corredores [...].²⁴

Quanto à abertura das quatro janelas da capela-mor, Carlos Ott afirmou que esta alteração iniciou-se entre 1815 e 1816, período em que os documentos dão conta da compra de telhas e tijolos e pagamento dos oficiais ocupados na restauração do forro e do telhado da capela-mor,²⁵ trabalho concluído entre 1817 e 1818, quando foi paga a conta de “23 arrobas e 17 libras de chumbo em pasta para forro das janelas da Capela mor,” assim como a fêria de carpina e pedreiro.²⁶ Conclusão que temos como certa, dado ao fato de que esta alteração só podia ocorrer antes ou paralelamente à reforma da talha da capela-mor, reforma que nesta igreja ocorreu neste tempo.

A renovação da talha desta igreja iniciou em 3 de Abril de 1814, sessão da mesa em que o escrivão propôs “fazer-se de novo toda a obra de talha da mesma Capela, constante dos três retábulos, a saber o da Capela mor, e dois laterais, o ornato do arco cruzeiro, grade do coro, tribunas, portadas com seus remates e alizares púlpitos, e dos painéis” obra que encarregaram ao mestre entalhador *Francisco Hermógenes de Figueiredo*, que apresentou os riscos dos retábulos.²⁷ (Figura 1)

Os problemas financeiros para o empreendimento desta obra foram previstos nessa mesma reunião, em

²⁴ *Idem*, p. 380.

²⁵ *Idem*, p. 293.

²⁶ *Idem*, p. 362.

²⁷ *Idem*, 1979. p. 363-364.



Figura 1 - Retábulo-mor da Ig. N. Sra. da Saúde e Glória entalhado por Francisco Hermógenes de Figueiredo em 1814. Fotografia de Sérgio Benutti

que se limitou a verba a ser empregada; mesmo assim, os trabalhos se iniciaram como, comprova o primeiro pagamento feito ao entalhador, nas contas de 1814-1815.²⁸

Na reunião de 4 de Março de 1818

foi considerado por todos a necessidade que havia de se continuar a obra de talha desta Capela para a qual tem os devotos concorrido com as suas esmolos, e para não serem de modo algum aplicadas em outras coisas, ficando sem efeito e fim, para que cada um tem concorrido, determinou-se unanimemente que o Irmão Thezoureiro fizesse pagamentos mensais ao Mestre da referida obra de trinta mil reis, visto que segundo o cálculo prudente as referidas esmolos, e o restante da receita da Irmandade chega para semelhante pagamentos.²⁹

Entre os anos de 1819 e 1820 a irmandade pagou a Francisco Hermógenes de Figueiredo por pequenas obras, não se mencionando a grande obra ao seu cargo.³⁰ Outros pagamentos se seguiram nas contas de 1827-1828, mas o termo datado de 1º de Abril de 1826, acusa a paralisação da obra de talha por mais de três anos, quando a mesa ponderou que

visto já se ter dado princípio a se achar justa com o Mestre entalhador Francisco Hermogenes de Figueiredo, já recebida parte da sua importância, e este duvida nenhuma ter de a continuar e por na sua ultima perfeição na forma do Termo que assignou, assentarão todos uniformemente que se continuasse no antigo ajuste, trato feito com o dito Mestre, fazendo-se toda a obra de talha, das sobreportas, tribunas, coro e púlpitos.³¹

Ao que parece, estas disposições foram postas em prática, pois pagaram ao entalhador, nas contas de 1827-

²⁸ *Idem*, p. 362.

²⁹ *Idem*, p. 364.

³⁰ *Idem*, p. 365.

³¹ *Idem*, p. 365-366.

1828, por obras não mencionadas.³² Os trabalhos não foram mais paralisados, pois no termo de 19 de Março de 1827, o Juiz da Irmandade propôs “que visto achar-se a obra de talha da Igreja [...] continuando-se em mais de meia obra feita, assentou-se uniformemente a que se devia continuar a dita obra até [...] se ultimasse perfeitamente”.³³

Entre 1844 e 1845 os seis painéis do corpo da igreja foram pintados pelo mestre pintor *José Raimundo da Silva*,³⁴ não sendo referido o autor das molduras.

A obra de talha renovada somente foi dourada e pintada no período de 1887 a 1889, tempo em que as contas acusam um pagamento de alto valor, 5.410\$000, a *Emílio Busquet* “pelo douramento de todo o interior da Capela”.³⁵ No mesmo período a irmandade pagou a *J. Rabut* por “parte da pintura que fez no teto da Capela, no da Capela mor e em outros lugares [...]”,³⁶ e ainda nestas mesmas contas registram o pagamento a *Heráclio Augusto Odilon* “por hum painel a óleo de S. João para o Baptistério”.³⁷

Outros pequenos trabalhos de talha foram encomendados pela irmandade, assim como a conservação de peças da grande obra através de concertos e douramentos, sempre em torno da manutenção da talha remodelada, conformando a ornamentação do templo à fisionomia que hoje apresenta.

³² *Idem*, p. 367.

³³ *Idem*, 1979. p. 367.

³⁴ *Idem*, p. 374.

³⁵ *Idem*, p. 380.

³⁶ *Idem*, p. 380.

³⁷ *Idem*, p. 380.

A capela-mor ficou composta por um retábulo-mor do tipo baldaquino, derivado do modelo da Igreja de Santo Antônio Além do Carmo. Cada parede lateral da capela é composta de silhares de azulejos portugueses com cenas da vida de Nossa Senhora com molduras pintadas incluindo os seguintes motivos: colunas, mísulas, cornijas e frisos festonados, em amarelo, vinho e verde.

Esse tipo de retábulo teve pouca repercussão na Bahia do século XIX, e seu estilo deve muito as soluções barrocas de Andrea Pozzo presentes nas figuras 33, 60, 62, 64 e 72 do seu tratado³⁸ e caracteriza-se por um arremate em frontão curvo e cúpula bulbosa, sustentado por oito colunas, quatro em cada lateral, de capitéis compósitos e fustes canelados com delicada marcação nos extremos superiores e nos terços inferiores.³⁹

A referência mais próxima desse modelo está no retábulo-mor da Igreja de Santo Antônio Além do Carmo, que desconhecemos autoria e data, mas que pode ser do final do século XVIII para princípios do século XIX.⁴⁰

Contudo, a diferença mais observável em relação a ornamentação do século XVIII, porque abrupta, se encontra no novo cromatismo da talha e dos demais elementos. Enquanto a talha do século XVIII criava um ambiente de franca alegria colorística, com pinturas imitando casco de tartaruga nas portas e filetes de prata, relevos da talha em ouro contra fundos de cor e branco, pinturas de fingimentos de pedra azul, a nova decoração

³⁸ POZZO, Andrea. *Prospettiva de Pittori e architetti*. Roma, 1793. 2 p.

³⁹ FREIRE, Luiz Alberto Ribeiro. *A talha neoclássica na Bahia*. Rio de Janeiro: Versal, 2006. p. p. 205 - 214.

⁴⁰ Idem, *ibidem*.

priorizava o contraste entre o ouro nos relevos finos e acomodados contra os fundos predominantemente brancos.

O teto da nave com sua pintura em perspectiva figurando a “Ascensão da Virgem Maria foi mantido, mas o da capela-mor adotou o modelo vigente no século XIX composto de abóbada de tábuas corridas com lunetas divididas em faixas ornamentais com delicados ornatos entalhados e dourados sobre fundo azul celeste. A julgar pelo documento transcrito no nártex foi mantida a pintura do final do século XVIII com o monograma da Virgem Maria em Glória. (Figuras 2 e 3)



Figura 2 - Teto da capela-mor e suas lunetas. Fotografia de Sérgio Benutti. Fotografia de Anibal Gondim.

No revestimento do piso a prática oitocentista fez substituir o taboado de madeira por revestimento de ladrilhos de mármore, o que aumentou a assepsia do



Figura 3 - Teto da nave pintado em perspectiva no século XVIII e mantido pela reforma ornamental.

interior do templo e contribuiu para uma maior claridade, associada a predominância do branco nos fundos das talhas, e das janelas abertas nos óculos da capela-mor.

Nos elementos entalhados a substituição ganhou em sobriedade, seja pela ênfase na estrutura dos retábulos, seja pela interpretação superficial e delicada dos entalhes fitomórficos, ainda pela presença de motivos da arquitetura clássica, pelo despojamento da própria ornamentação e sobretudo pela claridade do cromatismo dos fundos, dos revestimentos e da entrada de luz natural.

Do antigo decor foi mantida nessa igreja a pintura em perspectiva do forro da nave, cujo programa iconográfico, a “Ascensão da Virgem”, se mantinha necessário, mas também a excelência da pintura e o conservadorismo dos administradores das irmandades concorreram para a conservação dessas pinturas tão em voga na Bahia do século XVIII.

Radical mudança deu-se na atmosfera ambiental dos templos, sobretudo no caso que analisamos. Os ambientes barrocos que predominaram no século XVIII era muitas vezes escuros, pois a luz natural somente penetrava pela única porta de entrada na fachada, pelas janelas do coro, por portas laterais da nave, quando existiam. A iluminação ficava ao cargo das lâmpadas de azeites e das inúmeras velas acesas nos altares. A capela-mor em especial, era destituída de qualquer fonte de luz natural. A luz bruxuleante das velas e das lâmpadas produziam uma iluminação focal, dirigida aos elementos que lhes estivessem próximos, deixando os distantes, o

fundo na penumbra, ampliando com isso o ar de mistério próprio do barroco.

O cheiro característico desses ambientes nos setecentos incluíam os odores fortes dos corpos em putrefação frequentemente enterrados sob o piso da nave (na época a longevidade era pequena e a mortalidade era bem superior aos índices atuais, sendo frequentes os enterros),⁴¹ os odores das ceras de abelha das velas e do fumo dos lumes, das flores aromáticas nos vasos dos altares, especialmente as angélicas (*Polianthes tuberosa*), associados na hora dos ofícios divinos à queima de ervas aromáticas através dos incensos, que cumpriam a função de purificar o espaço sagrado e amenizar os maus odores.

Todos esses odores associados conferiam ao interior da igreja um cheiro característico que não encontrava similar em nenhum outro ambiente e que caracterizava o espaço sagrado e a experiência do contato com o divino. Odor que foi completamente modificado com a reforma ornamental do século XIX.

Paralelo a reforma da talha, os templos baianos entre o final do século XVIII e por todo o século XIX ganharam mais duas portas de entrada no plano da fachada, lunetas na capela-mor, que dotaram esses ambientes de luz natural. O piso da nave foi permutado para ladrilhos de mármore, já que os enterramentos no solo das igrejas tinham sido proibidos, cessando de todo

⁴¹ Ver com mais profundidade REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 174-178.

essa prática com a mudança de mentalidade influenciada pela epidemia do cólera morbus, as idéias sanitaristas difundidas pelos médicos da Faculdade de Medicina da Bahia e a instituição de cemitérios apartados dos centros urbanos.

Concluída todas as reformas restaram templos arejados, mais assépticos, claros pela policromia da talha, que passou a privilegiar o branco nos fundos, e pela maior entrada de luz natural advinda das novas aberturas, pela leveza de uma talha com volumes delicados, superficiais e vazados.

Quanto aos odores, com a proibição dos enterramentos e o ladrilhamento do piso da nave cessou toda a fonte de “mau odores” restando os cheiros agradáveis das ceras das velas, das flores que exalam perfumes e dos deliciosos incensos. Os templos ficaram então ambientados para o exercício de uma religiosidade que pretendia moralizar o clero, aproximar-se mais da Igreja de Roma, rejeitando as práticas místicas e sincréticas do catolicismo popular e se ater no essencial da moral cristã. Os fiéis passaram a orar e assistir aos ofícios em ambientes mais tranquilos, mais sóbrios, mais limpos, mais claros, mais revelados, mais favoráveis à concentração, contrição e oração.

Referências Bibliográficas:

FREIRE, Luiz Alberto Ribeiro. A talha neoclássica na Bahia. Rio de Janeiro: Versal, 2006. 560 p. il.

OTT, Carlos. Evolução das artes plásticas nas igrejas do Bonfim, Boqueirão e Saúde.

Salvador: Universidade Federal da Bahia/Centro de Estudos Baianos, 1976. 393 p. il. p. 363.

POZZO, Andrea. Prospettiva de Pittori e architetti. Roma, 1793. 2 p.

REIS, João José. A morte é uma festa; ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. 357 p. il.

